



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

9 de DEZEMBRO de 2006 • Ano LXIII • N.º 1637
Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Setúbal

Vêm sem família, nós somos a sua família.

NO final da Oração da Manhã, à saída, o Hildeberto abeirou-se de mim, meteu a mão no bolso e, na palma da mão, mostrou-me um dente que lhe havia caído.

— Esse é um dente de leite, vai nascer-te outro para o substituir, disse-lhe.

Até aos primeiros anos da adolescência, a própria natureza se incumbem de salvaguardar aquilo que é importante para os anos que virão. Depois, tem de ser cada um a reunir os meios para salvaguardar o futuro.

Em outras épocas, pelos dentes se aferia o estado de saúde das pessoas. Hoje, embora de forma menos declarada, por eles se faz a distinção da sua qualidade social.

É por isso muito importante que os rapazes, no seu crescimento, cheguem à adolescência preparados para possuir uma dentição forte e saudável. Isto exige uma vida equilibrada, dotada de meios materiais e espirituais bem ordenados.

Não podem faltar os materiais, que contribuem com a sua componente biológica indispensável; também os espirituais que discipli-

nam os apetites e consumos da alimentação.

Quem não tem que comer ou quem não modera a sua alimentação não poderá ter essa dentição forte e saudável para a sua vida adulta.

Não basta por isso que uma criança tenha quem providencie a sua alimentação. É também necessário que ela tenha um ambiente familiar estável. Esta estabilidade só existe quando ela se verifica no presente e se sente garantida para o futuro. Não existindo num tempo ou noutro, faltarà à criança esta componente fundamental para o seu crescimento.

A rede social de apoio às crianças sem família está fragmentada por faixas etárias. Elas, as crianças, andam a saltitar de casa em casa, de instituição em instituição, ao sabor da sua idade que, em vez de as favorecer e lhes dar estatuto e maturidade, lhes põem o ferrete de gente *desejada* a prazo, nunca amada porque o amor não o tem.

Continua na página 3

Benguela

Ajuda social

FOI uma visita de surpresa. Primeiro, uma delegação de alto nível do Ministério da Assistência e Reinserção Social. De seguida, o Senhor Ministro não quis regressar a Luanda, sem visitar a Casa do Gaiato. Ficaram admirados com a dimensão e o alcance do projecto social.

O motivo desta visita a Benguela e o contacto com as estruturas vocacionadas para o apoio às crianças, adolescentes e jovens está relacionado com a preocupação da Presidência da República pela situação deste nível etário da população, em estado de degradação muito elevado. É preciso fazer algo mais, depois do advento da paz. A estabilidade social, no presente e no futuro, está dependente, em grande parte, dos cuida-

dos a ter com as crianças da rua, agora. A trajectória de boa parte destes filhos da Nação pode ser o caminho das Penitenciárias. Antes, vem a fase da marginalização e do início da delinquência. É uma questão de idade. Caem debaixo da alçada dos tribunais e abrem-se-lhes as portas das cadeias.

É necessário dar vida, onde há pesos mortos na sociedade. Quero que a riqueza escondida no coração de cada criança, adolescente ou jovem da rua, seja explorada e posta a render ao serviço da Mãe Pátria. Que riqueza maior do que esta? O interesse das estruturas centrais na descoberta e exploração das riquezas submarinas e subterráneas seja investido também e, com maior preocupação, na descoberta e exploração da riqueza humana perdida e escondida nas ruas das nossas cidades. Uma sociedade pobre, onde não falte o necessário para a vida digna dos seus membros, é uma luz em qualquer parte do mundo. Ao contrário, uma terra abundante em riqueza, cuja maioria dos seus filhos vivem em extrema pobreza e miséria, faz baixar a cabeça e chorar. Uma porção substancial deles vive na rua.

Continua na página 3

Património dos Pobres

GOSTO dos Vicentinos. A maioria são gente de primeira na linha de acudir aos Pobres.

A visita frequente às famílias pobres da sua devoção e empenho, traz-lhe sempre um senso-comum e uma visão de enorme largueza que nenhum estudo académico transmite.

A inteligência e o coração trabalham a par.

A fé na presença Viva de Jesus, na pessoa dos Pobres, é uma luz incomparável!

Veio aqui uma Vicentinha falar comigo. Sem me encontrar, já me havia procurado no Verão. Não estava. Padre Manuel Mendes dá-lhe o meu número de telemóvel e ela liga-me.

— Não demoro a chegar — assegurei-lhe.

Ela esperou. Pedia ajuda para uma casa em que a sua Conferência se havia empenhado.

Uma família numerosa propôs fazer a sua casa num terreno que lhe fora dado. Agora, o homem adoecera. Não podia trabalhar, e, mais, o médico avisara-o que a viver naquelas condições morreria depressa.

Fui, logo, com a referida Vicentina. Os afazeres pressionavam-me, mas estas necessidades são mais fortes.

Sete pessoas viviam na garagem com mais um anexo.

Ao longo de anos, começaram a morar ali, logo que puseram a placa. O reboco escuro do tecto esburacado, denuncia a longitude do tempo em que ali residem e a água que os encharcou.

Foram crescendo a obra à medida da família: cave, onde têm vivido, como referi, rés-do-chão, primeiro e segundo andar. Com ajudas e

a trabalhar sábados e domingos, com filhos e filhas, levantaram o prédio, aos poucos.

Só no passado Verão e, ainda, com o apoio da Conferência Vicentina, puseram o telhado.

Durante anos foram sobrepondo as placas umas às outras à medida que os andares iam subindo, na mira de sustermem as águas que caíam de placa em placa até chegarem ao tecto habitado e desabarem sobre eles. Presentemente, o prédio já se encontra rebocado, por fora.

As aberturas de janelas e portas estão vedadas com taipais e papelão, tapando a luz de tal forma que, para subir, foi preciso uma lâmpada, apesar da meia-tarde solarenga.

Com cuidado, trepávamos as escadas, encontrando, logo, no rés-do-chão três

camas onde alguns dormiam, atravancadas de móveis oferecidos.

A mãe de família não se calava, com recomendações para que não me aleijasse.

Havia tubos de electricidade no chão, meia paleta de sacos de cimento, alguma areia e ladrilhos para montar.

Estes sinais de esforço entoavam dentro de mim um hino a tanta heroicidade.

O problema, neste momento, eram as janelas. Faltando, ainda, duas, o orçamento, bastante espremido, ia para mil e setecentos euros com vidros simples.

À Vicentina juntára-se, agora, um homem, da mesma Conferência, que nos acompanhou na busca da empresa que dera o cálculo, o ano passado.

Continua na página 3

Malanje

Mensagem do jacarandá

FLORIRAM os jacarandás! Um lilás a gritar à verdura dos campos... Sim, porque as chuvas precoces semearam o capim. Uma profusão! Em quanto tempo repentino!

Mas os jacarandás, com seu lilás vivo, são reis. Um deles — o maior — nunca tinha florido. Que mensagem nos querará transmitir? Que seja de esperança...

Quando nestes dois últimos fins de curso preparatório no Seminário para a entrada em Teologia, os nossos rapazes não se sentindo vocacionados, seguiram outros rumos, fiquei triste mas acolhi a sua atitude.

Há dias, entrou-me pelo quarto um nosso que terminou a Filosofia com a feliz notícia de que ia fazer a Teologia. Será esta a mensagem do jacarandá maior?! Quem nos dera! E que esta esperança de termos um sacerdote gaiato na Obra se concretize.

Mais do que nunca, por ser um momento de passos vacilantes, devemos agarrar e sustentar esta esperança.

Diz o filme que, quando se fecha uma porta, Deus nos abre uma janela...

Vamos abrir as nossas janelas à esperança: Os dois velhos de 81 anos. Os que, mesmo com sofrimento, vencem o quotidiano. Os mais jovens, mas possuídos por alguma ansiedade; aqueles que o Senhor nos vai mandar, (este Senhor não falha) e nos vão ajudar a repensar e continuar a nossa Obra da Rua — germinada no coração dum homem que a deu à luz — somente pela fé e toda a esperança naquele Senhor — sempre fiel cumpridor.

O santo Cura de Ares

TU fizeste os rouxinóis para cantar e eles cantam. Tu fizeste os homens para amar e eles não Te «amam», dizia o santo Cura de Ares.

De facto, apartamo-nos um pouco dos caminhos do amor de Deus. As preocupações diárias; o trabalho; para muitos a fome de pão e de carinho. Ainda tocam o sino (dois ferros) nas sanzalas africanas, mas só poucos vão à oração da manhã. Nas sanzalas da Europa os sinos calaram. São poucos os que alimentam a sua vida espiritual.

Conheci a minha bisavó e recordo com saudade a sua lareira onde todas as noites rezávamos o Terço. Naquele tempo, também em todas as lareiras.

Deus deixa-se aplacar quando os filhos lhe falam com amor. Recordo um casal, ele engenheiro num estaleiro, que todas as noites, depois de arrumarem a cozinha e deitarem os filhos, rezavam o Terço de joelhos ao lado da cama; alguns operários, no mesmo estaleiro, que nas camaratas, num ambiente de anedotas e palavrões, punham a manta por cima da cabeça e rezavam o seu Terço.

Talvez por estes, e tantos outros, o Senhor irá perdoando o nosso afastamento...

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — Temos pessoas que sofrem de saúde, deficientes!

Uma, sujeita de doença difícil: bebé precisa de ajuda necessária, para tratar da sua criança.

Vivem numa casa, das primeiras que o nosso Pai Américo ergueu aqui, em Paço de Sousa. Cujas obras serviu para muitas outras, em nosso País. E, também, em África. Curiosamente, na viagem que ambos seguimos por esses lados, com a força habitual que transmitia aos homens de boa vontade, trouxemos então valores para se construir mais e mais. E, nessas mesmas, deixou ficar em cada uma delas, placas das respectivas terras. Aliás, fez isso em Portugal. Em todo o País.

Mais uma mulher, idosa, que, graças a Deus, melhorou com os remédios que pagamos na farmácia, alguns, no conjunto de todos, quarenta euros por mês.

Enfim, mais ainda: doentes graves a que, digamos, temos assistido. Tudo aquilo que servimos em nome de Deus.

PARTILHA — Setúbal: «Peço o favor, eu sei que é pouco, peço que divida o cheque junto, 20 euros, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Muito obrigado por tudo quanto fazeis e lemos n'O GAIATO. Sentimos que o Senhor nunca vos há-de faltar. Nós temos de cumprir o

melhor que nos for possível. Assinante 25881».

Agora, uma presença habitual, do assinante 22986, do Porto: «A pensar nos idosos pobres que a Conferência apoia, remeto cheque de 500 euros para a ajuda dos mais carenciados. A farmácia poderá ser um destino, pois sabemos quanto são caros os medicamentos. Um abraço para todos os vicentinos e, também, para os beneficiários».

Lisboa, assinante 2560: «Mais uma vez me 'incomodou' o desespero de quem precisa e não tem o suficiente. Por isso, vai qualquer coisa, 200 euros, para a conta dos óculos dessa senhora necessitada, ou para qualquer outra também necessitada...»

De Lagos, assinante 79278: «Tem esta o fim de enviar um cheque de 50 euros. Foi um amigo que deu o meu nome. O resto é para ajudar aquilo que fizer mais falta, pois como vejo no Jornal as carências são muitas».

A assinante 20185, de Amadora: «Uma pequenina ajuda para melhorar o Natal dos que mais precisam. Cheque de 250 euros para suprir alguma necessidade urgente e, assim, poder aliviar o sofrimento dum irmão. O destino fica à sua inteira disposição».

Assinante 32511, do Porto, duzentos euros. Cento e cinquenta, da assinante 57558, idem.

Por fim, 250 euros, da assinante 79208, nossa vizinha, em Paço de Sousa.

A nossa gratidão a todos os Amigos. Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

jogos da 1.ª Liga, dava para adiar o jogo. Nós não temos medo da chuva!... Com sete jogos realizados até agora, marcamos trinta e um golos e sofremos oito.

Alberto («Resende»)



Sofia Margarida, filha do Serafim e da Isabel, baptizada em Miranda do Corvo.

Miranda do Corvo

IDA AO TEATRO — No dia 14 de Novembro os alunos do 1.º ciclo foram ao Museu dos Transportes, em Coimbra, ver a peça de teatro: «As três Rainhas Magas», que foi representado pelo grupo «O Teatrão». O transporte foi oferecido pela Câmara Municipal de Miranda do Corvo e, a pedido da nossa escola, os bilhetes foram a preço reduzido. Desde já os nossos agradecimentos à Câmara Municipal de Miranda do Corvo e ao grupo de teatro «O Teatrão». Foi um dia muito divertido para todos nós.

O REGRESSO DE UM RAPAZ — No dia 22 de Novembro, no final da manhã e para surpresa de todos, o Nelson (que tinha regressado à família em finais de Junho) apareceu cá em Casa. Segundo ele, está arrependido de nos ter deixado e está muito feliz por ter regressado e de o termos acolhido de braços abertos. Esperamos que tenha aprendido a lição e que não volte a cometer o mesmo erro.

DESPORTO — Continuamos a não estarmos envolvidos em nenhuma competição ou torneio. No entanto, todos os sábados à tarde, fazemos um treino geral no sentido de estarmos preparados para entrar a qualquer momento numa competição.

Voltamos a relembrar o convite da nossa última crónica para que, se alguma escola ou equipa quiser realizar algum jogo de futebol de onze, teremos todo o gosto em recebê-los.

Se houver alguma equipa ou grupo desportivo que tenha algum equipamento desportivo que não precise, agradecemos nos oferecesse (camisolas, calções, chuteiras, bolas...).

Ficaremos muito gratos por essa oferta!

AGRICULTURA — Continua a apanha da azeitona. É um trabalho necessário e ao mesmo tempo divertido, pois convivemos bastante uns com os outros. O tempo agora tem

estado mau, pois tem chovido muito e as temperaturas baixaram, o que torna esta tarefa mais difícil. Este trabalho está quase no fim, esperamos terminar durante a próxima quinzena.

VISITAS — No dia 25 de Novembro vieram uns amigos e familiares do Carlos Gonçalves (Dalua) visitar-nos. Eles trouxeram mercearias, roupas e uma merenda para convivermos um pouco. Merendámos com eles e no final foram-se embora. Agradecemos o carinho e as ofertas que trouxeram para a nossa comunidade.

No dia 26 de Novembro veio um grupo de amigos que também trouxe mercearias, roupas e algumas guloseimas. Visitaram a nossa Casa e no final foram embora. Muito simpáticos connosco, pelo que também deixamos aqui o nosso agradecimento pelo carinho manifestado.

Gaiatos do Alternativo

Setúbal

VISITAS — No dia 26 veio um grupo de pessoas do Seixal passar o dia connosco, conheceram a nossa Casa, trouxeram um grupo de dança e, no final, jogámos futebol, que ganhámos por 21-0. Foi muito divertido.

VITELO — Nasceu mais um vitelo, filho da nossa «brunquinha». Ele é todo branco, só tem umas pintas pretas nas orelhas, e também já lhe demos um nome, chama-se «pontinhas».

GOLFE — Os nossos rapazes mais pequenos estão a praticar golfe, no «Montado». Eles praticam todos os sábados à tarde. Esta semana os três melhores, que são: o Tiago, o Júnior e o «Amarante», foram passar o Domingo com o seleccionador nacional de golfe e fizeram provas... Esperamos que eles continuem assim.

ATLETISMO — Temos dois rapazes a praticar atletismo no Independente de Setúbal. São o «Carlitos» e o Daniel. Já participam em provas e estão a andar bem.

D. TERESA — Já voltou do hospital a nossa avó. Encontra-se a recuperar bem com a ajuda de uma fisioterapeuta e das Senhoras. Esperamos que em breve já ande facilmente.

FESTA — Estamos a preparar uma Festa para os Amigos da nossa Casa, que será realizada no dia 23 de Dezembro, às 16h00, no nosso Salão. Estará também connosco o Bispo de Setúbal que presidirá à Celebração da Eucaristia, às 18h00. Estão convidados os nossos Amigos.

Carlos Alberto

Malanje

SERVIR — Tem os seus riscos quando alguém com necessidade não é humilde. Situações há em que, quem serve se acha no direito de exigir tudo e mais alguma coisa. Acontece em muitas gerações mal preparadas.

Como erva que cresce em terrenos bravios. Este desabafo não significa desânimo, mas uma tristeza dos tempos em que vivemos. Apesar de todos os esforços que se fazem, aprez-nos saber que não é em vão, o nosso trabalho em prol dos povos. A esperança é a última a morrer, mas há que ter uma certa prudência no nosso caminhar. Não é só ter compaixão nem servir. Há que ter cuidado quando se serve e a quem se serve. Se caminhar e não tivermos em conta o respeito, dever, moral e outras virtudes, então caminhamos em sentido contrário, levando atrás de nós todos quantos servimos. Não tomemos atitudes irracionais, fazendo prevalecer a lei dos mais fortes para alcançar seus objectivos, passando por cima de quem menos pode. Afinal quem somos nós, se não existir um sentido de vida? Somos pó, sim, mas antes, somos homens, filhos de Deus que viemos ao mundo para O servir. Um Deus que nos ama e nos segue a cada passo que vamos dando. Errar é humano, mas deixarmos-nos vencer pela desgraça e desalento, então nada há a fazer.

Desculpem-me esta forma de vos apresentar o que penso, mas não encontro outro jeito. É a vida amarga e dura que nos vai amadurecendo, fazendo ver a realidade. Há que ver a luz ao fundo do túnel, para que a dita esperança nos anime e dê forças para continuar.

Não vos falo por desconhecimento. Quem vive uma vida assim sabe do que fala.

O exemplo que vamos dando, vamos encorajando cada vez mais a enfrentar a vida ao serviço dos povos mais necessitados.

O amor com amor se paga.

MAPUTO — Foi com muita preocupação que deixei a Casa do Gaiato de Malanje com o nosso Padre Telmo.

O meu visto de permanência concedido, expirou. Apesar da boa vontade do director de Emigração, em Malanje, a lei diz que não é concedida autorização para além dos noventa dias.

Padre Telmo, cansado e gasto pela idade, nada pôde fazer. Tem consigo uma forte vontade, coragem e determinação de prosseguir em frente com a grande Obra realizada em Angola — Malanje — em prol dos mais desfavorecidos, assim como amar e dar carinho aos seus filhos gaiatos (como sempre diz). Uma cruz difícil de levar até ao fim, mas a Sua força espiritual derruba todos os obstáculos.

Parto com destino à Casa do Gaiato de Maputo. Em Luanda, permaneço cinco dias com o nosso Carlitos para me inteirar da problemática do contentor, vindo de Portugal em Maio último, e retido no terminal de Kicôlo há mais de quatro meses. Padre Telmo cansado e desanimado com todo este processo, perde a esperança de o receber, fazendo vários telefonemas para o nosso Carlitos. Muito preocupado queria saber se ainda lhe restava alguma esperança. Carlitos responde: «Sai na próxima terça-feira», informação essa garantida sempre pelo nosso despachante, mas nunca saíra, o que tornou esta situação insustentável. Como podemos nós andar se nos cortam a circulação das nossas veias? Tudo tem servido de pretexto para que justifique a safda dos dólares que já ultrapassam os dez mil. Carlitos não sabe mais o que fazer. Um jogo de ping-pong que nos vai desgastando. Várias diligências foram feitas a

Paço de Sousa

DESPORTO — O nosso Grupo Desportivo está bom de saúde e cada vez mais forte. O «Bonga» prontificou-se para treinar os mais novos, e eu bati palmas, já que não foi daqueles que virou a cara, nem mesmo, quando as coisas pareciam estar a atravessar um período menos bom. Mas, graças a Deus, estávamos a dar um passo de gigantes, rumo à estabilidade. «Bonga» não é daqueles que gosta de pousar, para mais tarde «inglês ver»! Gosta, sim, de trabalhar com quem quer trabalhar. A única meta deste Grupo de Trabalho é a união, a coesão e fazer com que haja mais compreensão, mais amor e carinho uns para com os outros. Com a entrada dele para «braço direito»..., cada vez o colectivo fica mais sólido, para servir todos aqueles que querem fazer parte, com humildade, com sinceridade, desta pequena família, que é o Grupo Desportivo, no seio da nossa grande Família, que é a Obra da Rua.

Pai Américo dizia: «A principal missão dos verdadeiros chefes é servir os seus súbditos. Descer. Debruçar-se. Sentir. Amar. Quem assim fizer em lugares de supremo comando, será verdadeiramente supremo. Jamais se rebaixa, por muito que se humilhe». Que grande verdade!

Tragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Novembro,
53.400 exemplares

Património dos Pobres

Continuação da página 1

— Porque não, sabermos o custo delas com vidro duplo? Aos Pobres devemos, sempre, dar o melhor e a temperatura da casa é outra.

Lembrei-me que, por ali perto, deveria haver a oficina de um gaiato que trabalha em alumínio.

— E se o consultássemos?

Era também deles conhecido. Ficou tudo arrumado e eu mais feliz — «Olhe que não lhe vou por nenhuma percentagem. É o material e o trabalho, também quero colaborar», disse-me o Fernando, depois de conferir as medidas.

O bem atrai o bem, irradiando alegria e felicidade!

«Eu também quero colaborar». Um gaiato não podia falar nem

sentir de outro modo, mas consolou-me muito. Criei-o desde pequeno, até se fazer um artista!... E um homem desta estatura.

Muito senti estimulados, também, os Vicentinos com esta ideia: «Aos Pobres deve dar-se o melhor».

O correio fala-me diariamente do Património: Assinante 13863, de Lisboa, inscreve a sua neta e recomenda-me, com 200 euros: «Continue a divulgar o que os outros jornais não mostram e certamente verificará que as palavras do Padre Américo não estão esquecidas, que a vontade de ajudar o próximo continua a ser tão real como era no tempo em que viveu entre nós».

Afonso, de Coimbra, manda 100 euros para a assinatura, Conferên-

cia de Paço de Sousa e Património dos Pobres. Do Porto, uma Leonor, com 100 euros e este pensamento de incentivo: «Não te importes que murmurem nas tuas costas, é sinal que vais à frente.» Maria Isabel, com 150, para ajudar «a casinha da grande família».

A assinante 24372, «por ter recebido como herança de um familiar muito querido», envia dez mil euros. Uma Senhora a quem dei colo, em pequenina, um cheque de 2.500 euros. Outro Casal, a pedir anonimato e a confortar-me com expressões de profunda amizade, vinte mil euros. Do Luso, também me escrevem para ajudar um reformado por invalidez e sua família, o qual comprou uma casa velha, juntou algumas ajudas, mas não consegue acabar. Dei o meu telefone portátil ao Pároco e aguardo que combine comigo, para lá ir ver.

Padre Acílio

PENSAMENTO

O rapaz não sobe de posto por ser da Casa do Gaiato; melhora de situação. Veio das classes pobres; continua a ser e a viver pobre.

PAI AMÉRICO

Benguela

Continuação da página 1

Por isso, meu coração ficou mais aliviado com esta visita portadora de esperança e vontade de algo mais ser feito. Que ajuda maior podemos dar? Julgo que estamos no lugar certo; a fazer o que podemos. É preciso dar as mãos para nos segurarmos sem desanimar. A montanha de problemas é muito elevada. Torna-se urgente uma mudança de mentalidade de quem é mais forte, refiro-me, concretamente, aos empresários, no sentido de integrar, no mundo das suas preocupações, o cuidado a ter na ajuda social, fora dos muros da sua empresa. A cultura da Solidariedade, da qual a Casa do Gaiato fez uma experiência riquíssima, no tempo da sua construção, deve ser um dado muito importante na Administração e gestão da própria empresa. O fosso social que divide um povo em ricos e pobres e miseráveis há-de desaparecer, também, com a ajuda da vivência dessa Cultura da Solidariedade.

Falei da experiência da Casa do Gaiato de Benguela. Que maravilha operada pelos empresários daquele tempo! Todos se deram as mãos e levaram por diante o projecto escondido no coração da Obra da Rua e, uma vez revelado, foi assumido de alma e coração pelos homens e mulheres daquele tempo, nas suas empresas! Nenhuma ficou mais pobre. A sociedade ficou mais rica. Os filhos mais felizes. E o coração de cada um dilatou-se à medida do dom que entregou. É verdade, quantas vezes não damos porque temos medo de perder? Ilusão só desfeita com a experiência!

Ando um bocadinho aflito. Preciso de fazer algumas obras de vulto, em alguns edifícios de habitação dos rapazes. Os anos e, sobretudo, o tempo em que a Casa esteve nacionalizada, por força do regime marxista, degradaram alguns cantos importantes. Mas o dinheiro vai chegando para o pão-nosso de cada dia e pouco mais. Não posso desviá-lo para outros fins. A Esperança, contudo, está viva.

Padre Manuel António

Setúbal

Continuação da página 1

Está no espírito da nossa Obra, este querer aos rapazes que Pai Américo tão bem evidenciou e praticou de sempre os cuidar e desejar também quando a natureza humana deles traz maiores dificuldades a quem educa.

Não se pode pensar que, porque a psicologia e anseios do jovem se alteram muito, quando as etapas do crescimento se sucedem, ela deve entrar num contexto existencial novo. Cortar os laços afectivos e de

corresponsabilidade do passado para iniciar outros novos, não é próprio do ser humano. Só uma leitura fria de laboratório pode concluir e impor este percurso na evolução do ser humano.

Por isso, aquilo que sempre defendemos: é necessário que os rapazes venham para nós na idade da infância, para que sejam nossos e nós deles até que atinjam a sua independência e autonomia.

Temos casos raríssimos, quase nulos, do seu retorno à família biológica. Eles vêm sem família. Nós somos a sua família. Se ainda tiverem uma réstia de bom apoio familiar, é bem vinda a sua presença; será uma ajuda no presente e algum apoio para eles no futuro, ainda que só afectivo.

Padre Júlio

níveis governamentais e estatais sem obterem quaisquer resultados. Padre Acílio telefona, preocupado, querendo saber como estava a decorrer o processo. Dei a garantia da saída do contentor antes do meu embarque para Maputo. Na hora em que me telefonou, eu estava com uma directora da Alfândega e uma outra senhora, expondo toda esta embrulhada do contentor, assim como tudo o que era pedido pelo nosso despachante. Estranha com o que ouvira, prometeu fazer alguns telefonemas e pressionar o despachante pondo em causa a sua capacidade, o que levaria ao seu descrédito comercial. Nunca foi possível o meu encontro com o despachante. Sempre me diziam que não valeria a pena e que nada resolveria. Triste, mas confiante, não desisti. Já no terminal de embarque, faço mais um telefonema donde se confirma a saída do contentor do terminal, acabando assim o folhetim. Feliz parto com a consciência tranquila de tudo fazer a bem da Obra.

Uma outra missão levei. Dois dos nossos rapazes, desempregados, foram colocados na Emissora Nacional de Angola, deixando em banho maria outro emprego para o nosso condutor.

Chego a Maputo e, no dia seguinte, telefono à irmã Célia, a quem pedira a guarda do contentor e a sua ajuda na descarga. No Domingo, é descarregado e confirmado, que tudo estava em óptimas condições.

Júlio Silva

Quando voltou, ainda mais esfarrapada do que quando foi, trazia um propósito: não queria mais aquela vida.

Com o primeiro homem a tentativa de constituir família fracassou, ficou sozinha com dois filhos.

Não desistiu e lutou para conseguir um homem que a aceitasse como ela era. Hoje, com sete filhos, ela e o companheiro lutam para os poderem sustentar.

Num fim de dia, a caminho de casa, ele encontrou um de nós, no autocarro, e desabafou: «Ela sabe que peço dinheiro emprestado ao meio do mês, somos nove bocas a comer e é preciso vestir e calçar; o meu rendimento não chega para tudo», disse, triste por ver a aflição da companheira, que lhe pergunta pelo resto do dinheiro.

Num sábado, manhã cedo, quando fomos para o trabalho, ela estava à porta dum supermercado que fica no nosso caminho, olhava a ver se nos via. Diz-nos:

— Olhe, eu não quero nada, só queria conversar.

Fomos ao supermercado com o que tínhamos. À despedida levou dinheiro para a camioneta até casa, são sete quilómetros, viera à boleia e a pé. Confidenciamos:

— Já me sinto melhor, obrigada.

Não sei porquê, fomos mudos para o emprego. À saída do carro, diz-me a Adelaide:

— Como vai ser o Natal desta Família?

— Não sei — respondi.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 33225, «no último GAIATO vi que a tesouraria está com saldo negativo, o que me causou profunda tristeza. Assim, segue um cheque». Que o Senhor desperte no coração dos Leitores a vontade de ajudar os que precisam.

Assinante 75292, «Para fazer face às muitas necessidades da vossa Conferência envio, em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, umas migalhinhas».

Alto dos Barreiros — Coimbra: «Li no Famoso as dificuldades porque estão passando, envio o meu donativo».

Assinante 39549: «Aqui envio o meu donativo para fazer face às dificuldades monetárias».

Assinante de Santa Cruz do Douro, Baião: «Cinquenta euros para os amigos necessitados».

Da Amadora, Avenida Cruz Cabral: «Para a Conferência de S. Francisco de Assis que necessita do apoio dos Leitores deste mensageiro da Caridade, aqui vai o meu donativo».

Da Rua Palmeira, Lisboa, mais um cheque.

Assinante 17705: «Li o vosso apelo no Famoso, aqui vai a minha contribuição». De Custóias, «Aqui vai o meu donativo, em especial para a avó».

Anónimo, de Lourosa, com um cheque para os mais necessitados.

Da Rua Infanta D. Maria, Coimbra, um cheque para ajuda da velhinha.

Anónimo, de Coimbra, envia o seu donativo e pede as nossas orações.

Anónima, de Esmoriz: «Aí vai um pouquinho do que disponho».

Anónima, Parque das Conchas, Lisboa: «O meu contributo para ajudar as maiores necessidades».

Do Hotel Imperial, Aveiro: «Com grande abraço para todos, envio o meu donativo».

Dos U.S.A., Maria de Almeida: «Foi com muita alegria que vi que vocês continuam nessa grande missão de bem fazer, aqui envio o meu contributo».

Anónima, entrega, à porta do nosso Lar do Porto, o seu donativo.

Como esta mãe de sete filhos nos dizia: «Já me sinto melhor, obrigada».

Assim louvamos o Senhor pelo apoio e conforto das vossas palavras.

Afinal, não estamos sós. Bem-haja a todos.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Adelaide e José Alves

DOCTRINA

É preciso que a regra se sacrifique às Obras e não estas à regra...



DEPOIS, retire-se do Asilo a sorte de criadagem, membros da direcção e tudo o mais que se sabe. Depois, vá-se ao letreiro que diz «Asilo» e ponha-se «Casa de trabalho». Logo a seguir, abrir todas as dependências da casa às raparigas. Deixá-las fazer o caldo, pôr a mesa, cozer a boroa, remendar, varrer, ir às compras, cuidar de si — ser mulher. Se o Asilo tiver quinta, elas na quinta, no jardim, nas barreiras, nas meadas, na roca, no tear, nas feiras a ver preços e... moços. Sim senhor. Não há mestra como a vida. Contacto com a vida. Esta experiência, junta à formação espiritual que se supõe na vida de comunidade, fará a mulher de amanhã. A mulher forte.

MAS quê? — nada disto se pratica! São métodos simples demais para a maneira «segura» e complicada de ver as coisas. O que se torna necessário é mas é prevenir, rodear a «menina» de cautelas pra que não venha a cair nas ciladas do mundo... E tem graça que a primeira coisa que a «menina» geralmente faz, ao sair do Asilo, é cair nas ciladas do mundo! Porquê? Porque a preparam para uma vida que não é! Ora aqui tem, minha boa irmã. Se os institutos religiosos se oferecem e prestam a cooperar nas grandes obras sociais de formação cristã, que façam uma revisão séria aos seus métodos, para não caírem na culpa grave de tomarem à sua conta trabalhos para que não estão preparados. É preciso que a Regra se sacrifique às obras e não estas à Regra, como se pretende. A letra mata. Diga isto mesmo às Madres, no próximo Capítulo, a bem da Igreja.

Padre Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Mãe de sete filhos. Ainda nova, ouviu dizer que em Espanha ganhava mais dinheiro e partiu. Seguiu o exemplo da mãe que se perdeu nas ruas para poder sustentar os filhos e o marido alcoólico.

Calvário



As alminhas

NO alto da nossa mata, onde as carvalhas começam a cobrir o solo e a embelezar a paisagem, erguem-se, em tempos, um campo santo. Nele vêm sendo guardados os restos mortais dos doentes que aqui passaram, muitos deles sem rasto de familiares ou rejeitados por eles.

Para os lembrar, erguem-se umas alminhas em granito, cópia reduzida do portal do campo santo. Tílias esguias dão-lhe sombra. Azáleas rasteiras ornam o local. Queremos trazer à memória dos actuais doentes aqueles que os precederam nesta Casa, para que não os esqueçamos.

A octogenária tia Adelaide, enquanto era viva, todas as manhãs ao sair da sua casa para ali se dirigia. Erguia as mãos enrugadas e no silêncio do local rezava a pedir a paz para os que partiram e para ela também. Acreditava na Ressurreição: Era uma crente sem dúvidas.

Já no Antigo Testamento Judas Macabeu, após o combate dos seus homens, em que muitos tombaram, mandou fazer uma colecta para que em Jerusalém fossem lembrados os que morreram a fim de lhes serem perdoados os seus pecados. Não teria procedido assim se não acreditasse na Ressurreição.

Aquele pequeno obelisco que erguemos à sombra das tílias é o sinal da fé na Ressurreição de quantos passaram pelo Calvário. E foram já algumas centenas. Cuidámo-los em vida e não os queremos esquecer no Além. A comunhão dos santos é a fonte da nossa Esperança.

A tia Adelaide está, agora, no lado de lá, não a erguer as mãos, mas a estendê-las a fim de nos ajudar na caminhada, repleta de percalços que vamos fazendo.

Quanto precisamos das suas mãos bondosas, tia Adelaide!

Padre Baptista

Visitas da Irmã Morte

FOI das crónicas no «Correio de Coimbra», que Manuel Cunha conheceu Pai Américo. E enamorou-se. E nasceu correspondência entre os dois.

Em vinda ao Porto, já na perspectiva de Paço de Sousa, Pai Américo foi ao «Espelho da Moda» e, ao vê-lo, ia pedir-lhe que chamasse o pai. A imagem concebida das cartas trocadas não o fazia contar com aquele jovem; mas era ele o interlocutor.

A partir de então a amizade devotada de Manuel e de toda a Família Cunha a Pai Américo e o apoio à Obra tornaram-se património que sempre nos acompanhou e deu alento ao longo dos anos. Foi nesta relação de família nossa que eu próprio os conheci — e quanto bem correu daí!

O «Espelho da Moda» foi até ao

fim uma janela aberta da Obra para o Porto, pela qual ambos se viam e comunicavam. Para além do «depósito» onde o Povo amigo entregava as suas ofertas, era lugar de encontro em circunstâncias várias, como as das Festas do Coliseu ou da Queima das Fitas. Mas era, sobretudo, aquele pequeno gabinete escondido ao fundo da loja onde Pai Américo parou tantas vezes: a rezar, a desabafar, a falar de projectos em vista, ou a alegrar-se por outros já conseguidos... Quantos momentos importantes da Obra da Rua passaram por ali! Àquele jovem que o surpreendera ao verem-se a primeira vez, chamava Pai Américo o seu «Director Espiritual». E se o não fosse para assuntos da sua alma, foi com certeza para muitos negócios de bem

As Criaditas em Miragaia

FOI em 21 de Novembro, há cinquenta anos, dia em que a Igreja faz memória da Apresentação de Maria, que o nosso Bispo D. António veio celebrar no Bairro a primeira Missa e apresentá-las. Embora chegadas dias antes, tomou-se esta a data da dedicação delas àquele povo, o princípio de uma vida ao serviço dele, em comunhão com ele.

Pai Américo tinha partido quatro meses antes, mas nunca ele viu o Bairro concluído sem elas. Proporcionar morada condigna a vinte e oito famílias oriundas de outros tantos antros ribeirinhos era obra!, mas não ainda a obra que sonhara. Ele queria aquele Bairro (inaugurado ano e meio antes quando se comemorava o centenário de D. António Barroso e por isso mesmo baptizado com o nome deste santo Bispo) tivesse alma — e destinou às Criaditas dos Pobres essa missão.

Aliás esta ideia era fundamental no seu pensamento do Património dos Pobres. O nível de degradação de que mudavam os moradores futuros era tal, que não bastava a casa por remédio; era necessária a presença de *samaritanos* que acompanhassem a cura até ao fim, assistindo e compondo o vestir da roupagem nova. Por isso escreveu mais do que uma vez: «Onde não houver Vicentinos, não se façam casas do Património». Remetia a estes a missão de ser *alma*, já que não era possível a presença de Criaditas junto de todas as casas que iam alastrando por Portugal além!

Mas no Porto tal necessidade era sobremaneira constatada. A



Irmã Maria do Céu, a primeira Criadita em Miragaia.

experiência dos Bairros Sociais constituía grito de alerta e Pai Américo não estava sozinho nesta observação. A voz do Eng. Nascimento da Fonseca, a mais apaixonada que da Câmara Municipal se ouviu, gemia a mesma inquietação: A casa apenas, na sua materialidade, não chega!

Hoje creio que em todos os Bairros Camarários há serviços sociais prestabilíssimos; mas, embora..., não são *alma*. E por isso ainda tantos deles são focos de problemas graves que afligem a todos e também as Autoridades.

O Bairro D. António Barroso cresceu em família. Com muitas vicissitudes, com certeza! Nos princípios era um mundo de crianças. Quantas vezes a Irmã Maria do Céu me convocou de urgência para fazermos «tribunal» à ma-

neira das Casas do Gaiato. Os pleitos eram quase sempre da mesma natureza: Miúdos que se pegavam uns com os outros; pais que assumiam a *causa* dos filhos — e eis a brisa passageira transformada em ciclone! Mas sempre os ventos amainaram sem prejuízo de maior. E hoje que três gerações passaram e naquelas casas predominam os avós, quantas vezes recordamos essas *tempestades* a sorrir, como acontece aos pais a respeito das traquinices dos seus filhos em pequeninos!

A escassez de vocações (esse, sim, o grande problema que só nas mãos de Deus podemos pôr!) fez que durante os últimos anos as Criaditas tivessem de se ausentar. Não foi um abandono, que elas vinham volta e meia...! Foi, sim, uma grande oportunidade de todos perceberem e sofrerem a falta que deixavam. Graças a Deus esse mau tempo passou. Não temos ainda a sua presença permanente. Mas a semana que todos os meses ali estão, dá que visitem todos, limpem aqui, arrumem acolá, confortem os doentes, escutem desabafos, respondam com o seu conselho... — uma convivência que mantém acesa a chama de um vínculo que cresceu e se firmou ao longo de cinquenta anos; trabalho de alma que aviventa um corpo, mercê somente de uma doação total.

Isto o que as Criaditas são para aquele povo! Para nós, isto é mais uma demonstração vivencial da definição de Pai Américo: «Técnico é aquele que ama».

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

O Advento

DE novo o Advento e, não tarda, o Natal. É sempre assim: à vigília, segue-se a festa. Portanto, o Advento é a grande «noite» do Natal...

Simboliza também a nossa vida enquanto «espera» de Deus e da Sua «parição» em nossas vidas e no mundo. Uma manifestação que devemos esperar activa e solidariamente, sendo que, tal como Jesus prometeu, será surpreendente e desconcertante face às expectativas comuns dos homens, acerca do facto religioso. Bem o recorda o texto sagrado: «... o dia do Senhor virá como um ladrão...» Daqui se depreende a pertinência de uma atitude vigilante face à distração e à sonolência que facilmente se aninham e tomam conta. Sinais disso

são mais que evidentes e facilmente identificáveis em comportamentos e decisões que atingem o seu expoente máximo em novas idolatrias que têm como matriz comum o culto do que é efémero e não comporte sacrifício.

Uma vida em advento é o reverso desta «medalha» cultural. É «um» remar contra marés e ventos contrários, de olhos postos na «bússola» que procura o norte e a qualidade de travessia. Fazer esta catequese em nossas Comunidades é tentar aproximar de Jesus num confronto de valores a descobrir e a preservar. Não é tarefa fácil, mas trata-se de um desafio encorajador que passa antes de tudo pelo nossa vida de educadores, vivida com significado e ideal.

Os «nossos», mergulhados, como não podia deixar de ser, nesta mesma cultura que se expande nos relacionamentos sociais, escolares e educativos, sofrem-lhe as consequências, arrastando, muitas vezes consigo e «casa-a-dentro», os seus efeitos negativos, apesar de toda a nossa diligência que nunca é total e suficiente...

Impõe-se um trabalho de proximidade relacional activo e paciente, concretizado em atitudes de diálogo sereno e aberto. Nem sempre a pressão do nosso viver, como educadores, permite esta disponibilidade serena e confiante. E, afinal — escutar e acolher — são as atitudes mais significativas do Advento; de uma vida ao ritmo do Advento...

Também, o tempo do Advento, com as suas lições e os seus modelos de «espera», confiante, atenta e serena, nos podem ajudar a preparar um Natal mais feliz; uma vida mais fecunda.

Padre João

fazer, que era a *profissão* de Pai Américo, e também o *comércio* de que, nessas horas, se tratava naquele gabinete.

Foi ali a sua última *estação*, minutos antes do desastre. Com Manuel Cunha a última conversa que travou neste mundo. Ei-los agora com a Eternidade ao seu dispor para continuarem o diálogo.

Também esta semana Deus chamou outro companheiro de Pai Américo em muitas horas e jorna-

das: o senhor Ernesto, seu motorista. Um homem simples e bom que lhe compreendia a vontade de dar responsabilidades aos rapazes e assumiu sem qualquer dificuldade pôr o seu lugar à disposição quando apareceram os primeiros gaiatos encartados.

Excelente condutor que era, honesto como era, depressa e bem encaminhou a sua vida: foi instrutor em Escola de Condução. Mas sempre se conservou perto de nós, a quem visitava com frequência. O último serviço que prestou foi na sua paróquia em dia de campanha

de assinaturas d'O GAIATO. Com Missas na Igreja e em Capelas em horários quase coincidentes, aí estava ele esperando-me no fim de uma homilia para me fazer chegar a tempo da seguinte. De resto, a sua disponibilidade e espírito de colaboração eram atributo que lhe granjeou consideração em Valbom; tal, que foi o Pároco, sabedor das nossas relações antigas, quem teve a delicadeza de me prevenir.

Obrigado, Padre Paiva. Fiquei feliz por, ao seu lado no Altar, ter podido dizer-lhe: — Até breve!

Padre Carlos